Revista Fólgo Nº 3 - Estudios

Fotografia: Contraponto entre a narração da realidade e a sua compreensão

Carlos Leonardo Nascare [1]
[Descargar PDF] - [Descargar SWF]

Resumo: A invenção da fotografia, no século XIX, foi uma das maiores criações humanas, mudando a história da humanidade e proporcionando ao homem um instrumento fundamental na busca da própria identidade. Através da fotografia, o homem pode registrar, preservar e compartilhar a sua história, a sua vida, uma sociedade, mesmo as mais primitivas, que não tenha sido fotografada. A fotografia capta um momento, uma realidade presente/passado, no momento que ocorre, momento único, jamais repetido, jamais revivido, A foto é a testemunha ocular de fato, e a compreensão do ocorrido, é a existência contida na imagem. O registro fotográfico proporciona comunicação, A fator de reflexão e de questionamento, revela not somente momentos de uma história, mas também momentos de uma sociedade, de uma época, de uma cultura, mudanças de comportamento e de pensamento, A fonte de pesquisa e de investigação e cria estudos sobre a fotografia e o ser fotografado. A oportunidade criada pelo curso de jornalismo proporcionou situações diversas de aprendizagem e de conhecimento, através de fotos, de pessoas, de comunidades, de lugares, pelos alunos e pessoas fotografadas. Substituir o texto pela fotografia é novidade, mas, compreensivelmente pode ter sucesso, podendo ser utilizado como forma de aprendizagem e de tomada de consciência crítica para nossa realidade.

Palavras chaves: Realidade, identificação, decodificação, Visão.

Abstract: The invention of photography, in the 19th century was one of the most important human creations, changing the history of humanity and providing man with a fundamental instrument in search of his own identity. The importance of photography is so extraordinary that we cannot imagine a being, a family, a society, even the most primitives, that hadn't been photographed. The photography captures a moment, a reality present/past, in the moment that occurs, unique moment, never repeated, never relived, The photo is witness of the fact, it's the proof of what happened, it's existence in the image. The photographic register allows communication, it is the key for thought and question, it reveals changes and interpretations, in a frozen moment formed. The photography motivates the creation of thought and studies on the photography and the photographed person. The opportunity created by the journalism school provided diverse situations of learning and knowledge, through photos, people, communities, places, by the students and people photographed. To substitute text by photography is new, but it is successful as a way to learn and to create critical thought.

Keywords: Reality, identification, decodification, sight

Introdução

Muito se tem falado a respeito da fotografia, desde a sua invenção em 1839, com o surgimento do daguerreótipo até a fotografia digital dos dias de hoje. As câmeras fotográficas, os filmes, os próprios fotógrafos fizeram da fotografia uma das maiores invenções do século XIX e, talvez, da história da humanidade.

A cada dia que passa mais tenta se aprender a fazer fotografia. Aprimora-se a técnica, com a correta utilização de regras e com uma codidiana e elaborada forma de obtenção de imagem, onde o bom enquadramento e a composição são os elementos fundamentais para a obtenção de imagens de qualidade.

Os avanços desta técnica e a sua imperação foram de tais formas incorporadas à vida social, que o homem desde o seu nascimento até a sua morte vai se vendo cercado por imagens fotográficas e suas influências visuais, técnicas e sígnicas. Fotografe-se tudo e todos.

O ato de visualizar a realidade é sempre um aprendizado. O ago fotográfico é uma forma de organizar idéias e receber do contexto real, a realidade observada, se valendo do aparelho reprodutor imagético, a câmera fotográfica.

O advento da fotografia no século XIX vai estabelecer segundo Susan Sontag " um novo código visual " (Sontag, 1981: p. 3), e a que Jean-Marie Schaeffer indica como "A invenção da fotografia modifica profundamente as relações que o homem mantém com o mundo..." (Schaeffer, 1996: p. 1.09), apontam para o surgimento de uma nova forma de ver o social e de se apropriar do mundo através do aparato fotográfico.

A invenção do processo fotográfico vem de certa forma se justapor aos conceitos pré-existentes no que se refere aos "seres imaginários" de Platão (Platão, 1987: p. 187), onde a "caverna" seria a própria câmera escura, e as "sombras projetadas" seriam a humana uma das formas de ver e recordar a mítica, pois "nossa memória só é feita de lembranças" (Didi-Huberman, 1998: p. 31).

O real muda a todo o momento pelo avanço inexorável do tempo, a fotografia com esta capacidade de cortar, que possui o retém. A imagem fotográfica passa a ser o "repositório do passado", porém com a imagem retida. É uma memoria parcial e palpável, onde a imagem permanece de forma infinita e que pode ser acessada, toda vez que for rever.

Situação atual

Hoje em dia não se consegue compreender um ser humano, uma família que não possua fotografias, que não tire fotografias, que não sofra a sua influência, ainda que de forma mais ou menos amadora ou como simples objetos de recordação.

As escolas especiais ou muito significativas são as grandes donas fotográficas do passado e do presente, em qualquer local do mundo, grandes ares acontecimentos como forma de comprovarem a realidade e a sua participação efetiva na história deste fato social, ou apenas como prova de que estiveram e estavam presentes.

O poder que tem aquela plana fatha de papel com a imagem gravada, seja banhada em componentes químicos, sensíveis a luz e revelados, ou a moderna impressão digital, originada de processos de computação gráfica, ou mesmo a reconstrução, denominada de suporte fotográfico, é, reunindo, o real surrealismo gravado.

Aquela simples "Foto" contém impressa uma realidade capturada com a câmera fotográfica, que reproduz um instante do presente e que já se tornou passado, o que no dizer de Walter Benjamin "ver uma beleza nova naquilo que está desaparecendo" (Sontag, 1981: p75)...

Esta fotografia, finalmente vai para alguma gaveta ou canto da casa, ou, numa era de escritório às vezes, até mesmo dentro de uma carteira, porém, sempre ali vai esta foto, retrato, porém esquecida, é lembrada em momentos de saudade, que vê a vida e nada faz, mas a política com sua presença, como rigor de atos cotidianos.

A fotografia se interpõe entre realidade e suporte. A dicotomia do ato de "cortar" um pedaço do tempo, e depois poder estudá-lo, olhá-lo, analisá-lo, possibilita ao observador, enquanto fotógrafo, procurar entender o seu por quê? Compreender o "ato" fotográfico, e o que ele representa para a sociedade, para a história, para a vida. Quantas fotos de pessoas que não vão mais existir não são expostas, e em quem não são lidas? Mas um fotógrafo sabe que essas pessoas existiram e que suas próprias imagens não é por que um analfabeto?" (Benjamin, 1996: p. 107).

O observador, que se depara com esta imagem, certamente iniciará uma decodificação a partir da convicção de que aquilo é verdade, de que aquilo aconteceu ou de que aquilo existe? Como pode o observador se comportar diante desta fotografia?

O real observado e gravado na fotografia passa para através metamorfótica, onde o real se torna imagem realidade, por ingerência do tempo, ou ainda, de forma atestória, como o próprio tempo e o mais é dar o fazem diante de cada um.

Esta, tão logo obtida, já faz parte da história passada, onde, a cada momento que aparece, ela nos escuta dentro do olho; transformando-se em memória, em lembrança, em saudade, em dor, em tristeza, em alegria, a sensação de felicidade, o horror, a mensagem impregnante ou a indiferença atônica cada receptor, sempre de forma diversa, uma única fotografia.

A foto é a prova testemunhal e ocular do fato. Ela é o fator determinante do novo modernismo, onde sem pincel, nada é gravado. O ato de reter, se fotografado, vai representar a vida humana. E esta até fotográfica, que tem de si a posse de uma foto, a posse da vida, que lhe apresenta a busca pela eternidade.

Não é, portanto, uma fotografia, uma tentativa de conter a eternidade, ainda que em uma folha de papel, ou mesmo, em um album fotográfico, tendo ali, nela, a "forma da juventude eterna", conservando o belo de forma imutável e perene!

Não é a fotografia uma tentativa de conter a morte? A possibilidade de parar o tempo? A lei precisão juvenvude infinita, que eternizaria a vida, contida naquela imagem fotográfica? Uma testemunha e prova irrefutável de que, o passado, acontece e foi parte da realidade, da vida e foi fotografado?

A fotografia e seu noema

O noema fotográfico, quanto a sua natureza inicial remete sempre a " uma emanação da realidade passada " (Barthes, 1984: p. 89), ou seja, a fotografia é sempre uma lembrança, uma recordação, uma memória da realidade de um determinado espaço-tempo, ainda que mecanicamente da " realidade sem duplicá-la " (Barthes, 1981: p. 16).

Assim se entende, que não seria adequado substituir a definição etimológica de fotografia, "Escrever com a luz" por " Pintar com a "luz " (Kornberg, 1974: p. 7), uma vez que a pintura competia sempre uma visão interpretativa da realidade, exercida pela técnica, mas também pela subjetividade do artista, enquanto que a fotografia " é uma emanação do real passado: uma arte da ausência " (Barthes, 1981: p. 81 " ; e que confirma seu caráter, quase exclusivo, de reprodutora da realidade".

A fotografia vem dotar todos os simples mortais, ainda que desprovidos de habilidades artísticas, de terem a possibilidade de registrar em imagens, os fatos, sua vida, sua arte. Através da imagem fotográfica podem expressar a sua comunicação "não verbal", mas, de uma poderosa comunicacional, sociológica e psicológica fundamentada em aparatos técnicos.

Seria uma comunicação extemporânea da própria fala o sacrair do olhar sobre o movimentar do corpo, que, quando congelado fotograficamente, assumiria uma forma de suprir deficiências quase sempre presentes na comunicação verbal, escrita e do escrito, ou mesmo, uma nova forma de externorizar o movimento sencimento que agita o homem moderno e determina o seu agir, impregnado de ação e narrado pelo visual.

O impacto pelo poder colorir a reprodução fiel original, que só a fotografia contém, ainda que figurado, é sempre uma cópia daquilo que foi visto, e que, ao ser reproduzido, mesmo que mecanicamente, ainda assim, é uma cópia. Uma cópia que representa a realidade do qual se faz parte, da qual se mantem um contato com sua existência e é o que vai retatando em uma foto de forma única e reversível, suprindo a sua descrição, como disse Lewis Hine "Se pudesse narrar com palavras, não necessitaria arrastar uma câmera atrás de mim" (Hine, apud Sontag, 1981: p. 177).

O registrar fotográfico é uma apreensão da gama incorrelevel de influências de espectros luminosos de que se é alvo e suscetível. Cada fragmento de luz, que se captura de forma instantânea, é uma forma de se apossar do mundo, de se apoderar de um fato, de uma realidade, de uma época, de uma cultura, de uma sociedade, de uma história, a sensação de liberdade, o horror, a mensagem impregnante ou a indiferença atônica cada receptor, sempre de forma diversa, uma única fotografia.

A foto é a prova testemunhal e ocular do fato. Ela é o fator determinante do novo modernismo, onde sem pincel, nada é gravado. O ato de reter, se fotografado, vai representar a vida humana. E esta até fotográfica, que tem de si a posse de uma foto, a posse da vida, que lhe apresenta a busca pela eternidade.

Não é, portanto, uma fotografia, uma tentativa de conter a eternidade, ainda que em uma folha de papel, ou mesmo, em um album fotográfico, tendo ali, nela, a "forma da juventude eterna", conservando o belo de forma imutável e perene!

Não é a fotografia uma tentativa de conter a morte? A possibilidade de parar o tempo? A lei precisão juvenvude infinita, que eternizaria a vida, contida naquela imagem fotográfica? Uma testemunha e prova irrefutável de que, o passado, acontece e foi parte da realidade, da vida e foi fotografado?

A fotografia e seu noema

O noema fotográfico, quanto a sua natureza inicial remete sempre a " uma emanação da realidade passada " (Barthes, 1984: p. 89), ou seja, a fotografia é sempre uma lembrança, uma recordação, uma memória da realidade de um determinado espaço-tempo, ainda que mecanicamente da " realidade sem duplicá-la " (Barthes, 1981: p. 16).

Assim se entende, que não seria adequado substituir a definição etimológica de fotografia, "Escrever com a luz" por " Pintar com a "luz " (Kornberg, 1974: p. 7), uma vez que a pintura competia sempre uma visão interpretativa da realidade, exercida pela técnica, mas também pela subjetividade do artista, enquanto que a fotografia " é uma emanação do real passado: uma arte da ausência " (Barthes, 1981: p. 81 " ; e que confirma seu caráter, quase exclusivo, de reprodutora da realidade".

A fotografia vem dotar todos os simples mortais, ainda que desprovidos de habilidades artísticas, de terem a possibilidade de registrar em imagens, os fatos, sua vida, sua arte. Através da imagem fotográfica podem expressar a sua comunicação "não verbal", mas, de uma poderosa comunicacional, sociológica e psicológica fundamentada em aparatos técnicos.

Seria uma comunicação extemporânea da própria fala o sacrair do olhar sobre o movimentar do corpo, que, quando congelado fotograficamente, assumiria uma forma de suprir deficiências quase sempre presentes na comunicação verbal, escrita e do escrito, ou mesmo, uma nova forma de externorizar o movimento sencimento que agita o homem moderno e determina o seu agir, impregnado de ação e narrado pelo visual.

O impacto pelo poder colorir a reprodução fiel original, que só a fotografia contém, ainda que figurado, é sempre uma cópia daquilo que foi visto, e que, ao ser reproduzido, mesmo que mecanicamente, ainda assim, é uma cópia. Uma cópia que representa a realidade do qual se faz parte, da qual se mantem um contato com sua existência e é o que vai retatando em uma foto de forma única e reversível, suprindo a sua descrição, como disse Lewis Hine "Se pudesse narrar com palavras, não necessitaria arrastar uma câmera atrás de mim" (Hine, apud Sontag, 1981: p. 177).

O registrar fotográfico é uma apreensão da gama incorrelevel de influências de espectros luminosos de que se é alvo e suscetível. Cada fragmento de luz, que se captura de forma instantânea, é uma forma de se apossar do mundo, de se apoderar de um fato, de uma realidade, de uma época, de uma cultura, de uma sociedade, de uma história, a sensação de liberdade, o horror, a mensagem impregnante ou a indiferença atônica cada receptor, sempre de forma diversa, uma única fotografia.

Porém esta imagem, nesta leitura inicial, não irá informar ou impor a ética utilizada pelo operador ao capturar a fotografia, nem transformar o assunto e o acontecimento que nos deixará que o seu leitor o veja, sem a presença de um fotógrafo interpretando seus signos, seus ícones visuais.

Mas a fotografia permite, como diz Barthes "procurar a contelha do acaso, do aqui e agora, com a qual a realidade chamuscou a imagem." (Benjamin, 1996: 94).

O que pode ensinar a observação de uma imagem fotográfica? O que nos informa a relação entre o referente e seu espírito? Entre o suporte sensível e a luz agente da gravação; com o discurso visual contido na imagem? Será um novo conhecimento da realidade passada ou uma nova aventúcia filosófica da própria vida, revista através da câmera?

Seria um novo aprendizado visual, onde uma informação fotográfica é emprega em sua unicidade e assim verdadeira, pois, dentro a sua "imitação mais perfeita da "realidade". (Dubois, 1998: p. 23) não é a realidade, "porque uma objetiva não pode ver nem revela algo original" - ou só sinão as influências psicológicas que sofrio sempre permeando por sentimentalismo e depreendias de avaliações dos signos visuais e de toda sua existência semiótica" (Sontag, 1981: p. 179).

Barthes alerta para a existência do "punctum" e do "st um detalhe" (Barthes: 1984: p. 69) (a que me pungiu) Barthes: 1984, p. 69) que, ao ser visto, pode ser capaz de "perturbar a leitura" (Barthes, 1984: p. 69) da imagem fotográfica. Porém, (Barthes, 1984: p. 69) suplementa: e o que acrescenta à foto é que também ela está lá." (Barthes 1984: p. 80) e continua: "o punctum, uma espécie de extracampo sutil, como se a imagem lançasse o desejo para além daquilo que dá a ver..." (Barthes: 1984, p. 89). assim podemos ver que a fotografia traz consigo este algo mais e que não pode ser visto, mas que está presente na imagem e na face do fotos pessoa possui a cada observador, apontando muitas vezes para elementos fora da própria fotografia que se observa.

Uma avaliação de uma imagem fotográfica sempre será imperfeita se o crítério desconsiderar não for claro e objetivo. Muitas vezes poderá ser superficial, leviana ou mesmo ofuscada pela cor e pela audácia de habilidade de ser as narrações visuais ali contidas.

A incapacidade de analisar com criteria a narração do registrado e à decodificação dos aspectos visuais destacados e contidos da realidade ali gravados, comprometem o conhecimento das estampas e as suas formas de ver o mundo.

Esta sua capacidade camaleônica de confundir-se com a arte e com a realidade, de ser ao mesmo tempo, hobby, trabalho, ciência, informação ou simplesmente uma mera recordação, mas, de ter sempre contigo a inscrição de que aquilo que contém, existiu, torna a fotografia um complexo sistema de informação.

É uma gravação objetiva da realidade. Ali, estão representados introduzidos itis auxentar o seu poder de semelhança com a existência e de sua veracidade. Ela será sempre um documento inconteste(vel da existência do que ali se encontra estampado. Talvez, sempre estará repleta de contradições e de ambiguidades.

Assim, a foto está muito próxima da verdade, pois sendo a reprodução da realidade obtida mecanicamente, é um documento inconteste(vel de verdade, pois ao vaz da fundição, ao reflexo do observado, gravado em película não há clara e objetiva.

O fotógrafo só pode reprar por secloná-la da realidade e assim possa-la, ou se contentar com o fato de "não a ter".

Levantadas todas estas questões, muitas vezes, considerados dúbios, mas, geralmente enquecidos no ato de ser testo visualo, se constata a grande relevância que se impõe depois do registro fotográfico e da constatação da sua importância como instrumento de comunicação.

Trabalho de campo

Uma pequena experiência, realizada com alunos de fotojornalismo da Universidade Católica de Pelotas e um grupo de pessoas da comunidade da Favela Areal de Pelotas, pode apontar pistas para esta constatação. Assim se apresentam três momentos, que não tentam ser esclarecedores.

As fotografias alvisou são integrantes de um trabalho acadêmico de alunos de Jornalismo.

A pauta fotográfica solicitava o registro de imagens do dia a dia de uma pequena comunidade, que vivia às margens de uma ridente, sujeita, por um lado aos perigos do trânsito intenso de veículos e por outro, aos riscos de uma enchente. Qual São Gonçalo, em Pelotas (RS). Esta comunidade fazia parte de um dos muitos grupos de excluídos da sociedade brasileira e que habitava a periferia dos grandes cidades brasileiras.

O trabalho fotográfico foi o cuno da convivência de algumas semanas, que tinha como objetivo a realização de fotografias jornalísticas dessa realidade social.

O resultado obtido, no entanto, deveria fornecer um acervo de imagens fotográficas com a documentação das mais variadas situações retratadas e frute de um relacionamento social e pessoal com os integrantes da comunidade.

A técnica sugerida para a realização da pauta fotojornalística la desde o bom uso do equipamento fotográfico até as normas de comportamentos profissional diante da intimidade e da vivacidade de cada um que fosse alvo de uma foto.

A finalidade era de que, quando realizassem as fotografias, conseguissem obter a maior naturalidade possível, pela prática de uma postura respeitosa e profissional, diante do outro e que também possuem principalmente a ética.

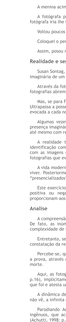
Muitos alunos conseguiram este intento, pois além do relacionamento, obtiveram imagens impressionantes e criaram uma empatia com os "objetos" fotografados.

Assim, o aprendizado de Jornalismo e de Fotojornalismo torna-se mais rico e focado para a formação de profissionais, pois, além da teoria acadêmica agregam à prática da dia a dia das relações dos jornais o trabalho de campo.

Primeiro momento.
(Fotografia de Glaucio Farias Brião)

Pensados alguns dias, o senhor da fatha acima procurou o projeto do jornal. Quera uma cópia da fotografia que havia sido tirada dele e de sua família. Gente simples, logo informou o motivo do pedido.

O filho, o pequeno bebê que aparece na foto havia morrido! Ele queria ficar com uma foto, pois seria a única lembrança que avida ser do filho, depois do "desaparecimento" do mesmo.



Segundo momento.
(Fotografia de Leandra G. Costa).

Fruto do mesmo trabalho nesta comunidade, a fotografia acima fez parte de uma pequena exposição fotográfica, realizada para os habitantes desta pequena comunidade.

As margens da rodovia se montou um painel, onde as fotografias foram expostas aos moradores para verem suas fotografias, suas imagens. Logo a pequena exposição estava cheia, e quase todos os moradores a eta alfuiram para verem as fotografias expostas.

Observava-se com atonção as reações dos fotografados quando, diante das fotografias se reconheciam e se reviam. Gerrie diversas formas, as mais diversas expressões suas impressões e reações diante das fotografias, com toda a espontaneidade e simplicidade das quais são dotados.

Ho entanto, um fato, relacionado com a fotografia acima, chamou a atenção.

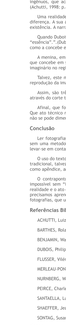
Uma exclamação!

"Vejam só, uma criança com uma faca na mão!

Logo, em seguida:

Mas é o meu filho!

As amigas, todos a seu lado, começaram a falar. Eram críticas, comentários, e todas diziam a mesma coisa: Vistes! Agora acreditou! Quando vês te falaremos que o teu filho pequeno brincava com facas, não acreditaste. Agora acreditas!



Terceiro Momento.
(Fotografia de Raquel S. Heidrich)

Em continuidade ao aprendizado da disciplina de Fotojornalismo, se realizou uma série de reportagens fotográficas em alguns bairros e vilas da cidade de Pelotas.

Em um destes bairros deverria ser fotografada a população ribeirinha do canal São Gonçalo. Ali, uma série de fotografias deveriam ser realizadas, procurando documentar o modo de vida, as carências, as necessidades, e o dia da dia desta população. Ali também existe uma comunidade caracterizada por serem quase todas excluídas socialmente.

A menina acima procurou uma das alunas e pediu se ela podia tirar uma fotografia sua, pois não possuia nenhuma fotografia.

A fotografia prontamente prepara-se para fazer a fotografia. A menina, quando percebeu que seria atendida e que a fotografia iria ter uma uma fotografia, pediu um momento ao posar, como até o momento, que precisa se arrumar!

Vaitou posaza momentos depois, do mesmo jeito que havia isto, mas direndo agora estava pronta!

Coloquei-se a perfilar e virei as cinvelas!

Assim, posou radiante para a fotografia. (Pose menina!).

Realidade e semelhança

Susan Sontag, afirma em seu livro Ensaios sobre a Fotografia, que "a fotografia, ao mesmo tempo em que nos atribui a posse imaginária de um passado trasd, ajuda nos também a dominar um espaço no qual nos sentimos inseguros" (Sontag, 1981: p. 9).

Através da fotografia, conforme diz Walen Flusser, existe uma forma de "conhecimento", O fato relevante para ele é que ao fotografias abrem ao observador vistes do mundo". (Flusser, 1998: p. 57).

Mas, se para Flusser parece parar ai o processo, se entende que para ele homens, a fotografia vai além deste fato. Ela vai ser o ponto de partida para o fotógrafo, que vai ser o ponto de partida para o posar de cada ser que vai ser evocado a cada nova observação da imagem fotográfica gravada.

Algumas vezes, a fotografia chega a substituir a própria realidade para muitos, a ponto de ago no psíquico como uma presença imaginária e verdadeira de fatos análogos e, portanto geradores de comportamentos específicos repletos de "técnica" até mesmo com relação com a imagem visualizada o e real.

A realidade torna-se presente, ainda que de forma imaginária, através da visualização de uma fotografia e de sua identificação com fatos co-relatos de passado, ou com a lembrança de experiências passadas pelo observador e identificados com as imagens e os signos contidos na fotografia. O processo de visualização de uma fotografia e a materialização do passe de fotografias que evocam, ainda que momentâneo, as experiências vividas e no fuito gravadas.

A vida moderna não se concebe, hoje, sem a imagem fotográfica dos mais variados matizes "significativos" do processo de viver. Posteriormente, quando forem novamente observados e identificados com a imagem mental armazenada, se tornam "prenecessitados" e atuais, ainda que por diferentes pedaços de tempo.

Este exercício psicológico, ainda que realizado de forma inconsciente, possui uma capacidade de proporcionar "satisfação" positiva ou negativa, aos observadores, conforme a identificação, com momentos agradáveis ou desagradáveis, que proporcionam aos observadores.

Analise

A compreensão da imagem fotográfica carrece ainda de um aprofundamento do estudo de seu conteúdo enquanto mensagem. Se fato, as inumeras leituras que possibilitam, ainda não foram suficientemente estudadas, em decorrência da complexidade de informações que disponibilizam.

Entretanto, se percebe que nos três momentos acima descritos, o "assunto" foi previalecer o aspecto imagético de posar, da constatação da realidade e da transmissão de sua imagem.

Percebe-se, que no primeiro momento a imagem é a atestia de uma existência, repentinamente interrompida, que forneceu a prova, através da fotografia, atestando uma existência, ao mesmo tempo, que supre a lacuna da ausência, ocasionada pela morte.

Aqui, as fotografias como do Sontag, "constituem testemunhos de alcance ou reclamar a posse de outra realidade" (1981: p.16), inquisitoriamente se percebe a sua influência como a sensibilidade emotiva, e mesmo, a sua capacidade de provocar o que for e atesta uma existência perdida.

A dinâmica deste momento remete à alegoria da caverna de Platão. Acorrentado diante da realidade, o homem moderno, vão ré, a infinita quantidade de imagens, que o agride diariamente e que lhe turva a visão da própria existência.

Parodiando Achutti, que apresentando uma metáfora de Ordina Pacheti (2004: p. 13) "Platão impunder aos ingênuos, que acreditam ser a fotografia uma cópia da realidade, dizendo que uma fotografia é uma realidade revelada" (Achutti, 1998: p.45).

Uma realidade revelada, até então turvada pelo próprio ato de viver, melhor ai dirie de sobreviver. Aqui, a fotografia faz a diferença. A sua articulação, entre a realidade e a reprodução do mínel gravado. Nesta, a fotografia, ela se torna a própria existência. A narração da realidade compreendia turvou-se o próprio acontecimento.

Quando Dubois se refere a Narciso e sua imagem no espelho d'água, comenta: "...não tanto em sua "origem", mas, em sua "realização"." (Dubois, 1998: p.140). A existência da imagem que o "gerou", que devastar, é, em síntese, a sua própria imagem como a concebe e que que veja vista.

A menina, em seus olhos de representação, vê na fotografia, a possibilidade de apresentar, a sua imagem. Aquela imagem, que concebe em seu imaginário. Aconteu que com os adolescentes que ele fotografou, ao observarem as fotografias e ao imaginarm-se registro fotográfico.

Talvez, este momento, dentro os três apresentados, evidencia a urgência de uma filosofia que trate da fotografia, pois, a reprodução da imagem fotográfica neste caso, poderia reproduzir a mentira, tal qual ela se contempla em seu imaginário!

Assim, são três momentos: a retenção do tempo através do cortar, a reprodução da fotografia como o real, e, a imagem obtida através do corte técnico.

Afinal, que fotografia é esta que contem em seu âmago, tantos efeitos por ela gravados, reapresentados e ainda discutos Que são técnicos retém pela incidência da luz e o controle do próprio operador, tamanha potencialidade comunicacional e que não se pode dimensionar, perceber, ou mesmo vislumbrar, ela só na obtenção?

Conclusão

Le fotografias ainda é um exercício nero. Decodificar imagens que reproduzem a realidade, com um método específico, é uma tarefa complexa que exige conhecimento e atenção, e a emoção, como diz Lewis Lorka, difícil. E até mesmo impossível, se levar-se em conta a diversidade da leitura, que as fotografias possibilitam e a forma como cada imaginário quer posar.

O uso do texto de forma a suprir as ausências geradas pela imagem, que por sua vez, contemplas as incompreensões da leitura tradicional, talvez indique uma pista para o início de um imagem fotográfica contemplativa e reflexiva, e não mais como aphórico, anexo ou mera ilustração. As ciências exatas já descobriram este caminho!

O contraponto entre a narração visual e a sua compreensão, através da decodificação, para o qual "o pensamento é impossível sem "imagens" (Aristóteles, apud. Santaella & Nöth, 1998: p. 28) e Merleau Ponty , que indica a relação entre a realidade e o ato de observá-la de forma conclusiva e complementar "... " é entrelaçar o mundo é o que nomeia o que, contudo, precisamos aprender a ver" (o. Merleau-Ponty, 1996: p.16). Assim entende-se que o homem necessita aprender a ver e a ler fotografias, que vige uma filosofia da fotografia e para a fotografia, que é o que se pretende com este artigo.

Referências Bibliográficas

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson (Org.). (1998): Ensaios Sobre A Fotografia. Unidade Editorial. Porto Alegre.

BARTHES, Roland (1984): A Câmara Clara , Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro.

BENJAMIN, Walter (1996): Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política . São Paulo. Brasiliense.

DUBOIS, Philippe (1998): O Ato Fotográfico , Papirus Editora, São Paulo.

FLUSSER, Vilém (1998): Ensaio sobre a fotografia. Para uma filosofia da técnica. Editora Relógio D´Agua. Portugal.

MERLEAU-PONTY, M. (1992): O Visível e o Invisível . Editora Perspectiva. São Paulo.

NURNBERG, Walter (1976): La fiumnacion em la Fotografia . Gráficas Intar. Barcelona.

PEIRCE, Charles (1965): Collected Papers, Harvard Press. Vol. II. New York.

SANTAELLA, Lucia & NOTH, Winfried (1998): Imagem, Cognição, semiótica, mídia . Editora Iluminuras. São Paulo.

SHAEFFER, Jean Marie (1996): A Imagem Precária . Papirus Editora, São Paulo.

SONTAG, Susan (1981): Ensaio Sobre a Fotografia , Editor Arbus, Rio de Janeiro.

Notas

[1] Fotógrafo, jornalista, Mestre em Desenvolvimento Social. Pós-graduado em Administração pela Fundação Getúlio Vargas Rio de Janeiro, pesquisador do Nupecom (Núcleo de Pesquisa em Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas), professor adjunto II da Escola de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas, nos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas e Mestrando em Políticas Sociais pela UCPel.